

ID: 115148526

17-01-2025

TikTok pode ser banido nos EUA mas não há como evitar que dados possam ser expostos

Utilizadores das redes sociais até podem preocupar-se com a privacidade dos seus dados, mas não “propriamente com aquilo que as grandes organizações detentoras dos dados podem fazer”

João Pedro Pincha

Xiaohongshu não é apenas uma palavra difícil de dizer, é o porto a que os auto-intitulados “refugiados” americanos foram pedir asilo na última semana. Iminente que parece estar o fecho do TikTok nos Estados Unidos, muitos criadores de conteúdos, influenciadores e simples utilizadores viraram-se para esta plataforma também chinesa, que de repente se tornou uma das mais descarregadas nas lojas de aplicações.

Com um nome que deixa às claras a sua origem, a Xiaohongshu – que significa “pequeno livro vermelho”, referência à obra de Mao Tsetung – recebeu dos norte-americanos a alcunha de RedNote. Quem já a testou descreve-a como um cruzamento entre Instagram, Pinterest e TikTok.

Argumentando que os dados dos 170 milhões de americanos que usam o TikTok podem estar a chegar às mãos do Governo chinês, e que esses utilizadores podem estar a ver conteúdo escolhido por Pequim, o Congresso dos EUA aprovou no ano passado a lei que pode levar ao desaparecimento da aplicação no país no domingo – veremos o que decidirá Donald Trump quando chegar à Casa Branca, na segunda-feira; e, antes disso, que posição toma o Supremo Tribunal.

Para muitos utilizadores – sobretudo os que passaram os últimos anos a angariar milhares de seguidores e ganham bom dinheiro com o TikTok – a privacidade é secundária. “Ah não querem que os chineses fiquem com os nossos dados pessoais? Pois então vou dar-lhos directamente!”, dizia há dias a criadora de conteúdos Jen Hamilton, seguida por 3,9 milhões de pessoas, citada pela AFP. “Não me podia importar menos que os chineses tenham os meus dados.”

Uma frase deste género não é muito surpreendente para Joana Neves, professora auxiliar e investigadora da Nova Information Management School (IMS), que tem estudado a utilização das redes sociais. “As preocupações com a privacidade são factores que podem, tanto directa como indirectamente, guiar o utilizador a uma redução do uso de redes sociais”, afirma, mas os estudos indicam que



Congresso dos EUA aprovou lei que pode levar o TikTok a desaparecer do país

“as pessoas preocupam-se mais com o que os *peers* [comunidade] podem saber sobre nós e os maus usos que podem fazer com essa informação, do que propriamente com aquilo que as grandes organizações detentoras dos dados podem fazer.”

A literatura científica hoje existente mostra que para muitos utilizadores “a partilha de informação” nas redes sociais é “algo relativamente ao qual já não têm controlo e pouco impactante a nível de possíveis consequências imediatas e locais”, sublinha Joana Neves. “Preferem optar por quaisquer benefícios que a sua ‘venda’ de dados poderá trazer”.

E esses benefícios não são coisa pouca para muita gente. Mais de sete milhões de contas no TikTok americano são de pequenos negócios e a plataforma gera lucros na casa dos 15 mil milhões de dólares, segundo um

relatório da Oxford Economics elaborado a pedido da empresa.

Os “que usam o TikTok como fonte de rendimento vão certamente migrar para uma alternativa”, acredita Joana Neves, lembrando que as redes sociais funcionam “por ondas” e que esta rede “por certo vai ser rapidamente substituída por uma outra plataforma”. Foi o que aconteceu na Índia, que banuiu o TikTok em 2020. “Surgiram uma série de *copy-cats* [imitações] do TikTok, que foram absorvendo os cerca de 200 milhões de utilizadores”, recorda Carlos Serrão, professor no Departamento de Ciências e Tecnologias de Informação do Iscte.

A partir de domingo, explica o docente, o TikTok poderá desaparecer das lojas de aplicações nos Estados Unidos. Os utilizadores que já tiverem a *app* instalada não vão ficar sem ela,

mas “deixam de poder aceder ao conteúdo” e “deixam de receber actualizações, inclusive de segurança, para a aplicação, fazendo com que a mesma se vá tornando obsoleta”. Uma forma de contornar a proibição é instalar uma rede privada virtual (VPN), que “é um processo extremamente simples e acessível para todos”, diz Carlos Serrão. Estas redes permitem mascarar a localização dos utilizadores através da ligação a um servidor localizado noutro país.

Com a lei que proíbe “aplicações controladas por adversários estrangeiros”, o Congresso e o Presidente americanos focam-se na possibilidade de o TikTok obter dados dos utilizadores para benefício do Governo chinês – que pode depois “fazer todo o tipo de tratamento adicional”, diz o docente do ISCTE. Mas “não há volta a dar”, sublinha Carlos Serrão.

“Mesmo na UE, com o RGPD, e com as obrigações que o mesmo acarreta, do ponto de vista técnico, da forma como as plataformas actuais funcionam, não é possível impedir que dados recolhidos possam ser expostos ou propagados”.

Coisa diferente é limitar a exposição dos *tiktokers* a certo tipo de conteúdo. Como qualquer outra rede social, a plataforma poder “ser usada para influenciar os seus utilizadores, espalhar mensagens políticas, ou até mesmo propagar *fake news*”, diz Serrão. Isso terá acontecido, por exemplo, nas presidenciais da Roménia.

“Estas plataformas têm um enorme potencial de influência da opinião pública”, como se vê até em coisas mais inócuas, como sugestões de leitura. “Quem controla uma plataforma social de grandes dimensões, como o TikTok, possui um enorme poder.”